

Márcio Steuernagel e a Sinfônica do Paraná: Valeria Bonafé, Leonardo Martinelli, Igor Maia e Almeida Prado

Publicado por André Egg em 25/08/2013 , 1 comentário



O maestro Márcio Steuernagel (Centro Cultural Teatro Guaíra – Divulgação)

Hoje de manhã tivemos o concerto de encerramento da II Bienal Música Hoje, e que também era a final do Concurso de Composição promovido pela Fundação Teatro Guaíra e UFPR.

Compositores foram convidados a inscrever suas peças, das quais um júri escolhia finalistas para serem ensaiadas e apresentadas pela Orquestra Sinfônica do Paraná. Esta foi a segunda vez também que a programação da Bienal incluiu um concurso de composição. Na ocasião anterior, em 2011, foram selecionadas 5 finalistas, desta vez apenas 3. Mas o programa do concerto acrescentou uma obra de compositor já clássico, o recém falecido Almeida Prado.

Dois anos atrás [eu fiz um comentário do concerto com as finalistas do concurso de composição](#). Naquela ocasião o concerto foi na noite de 5ª feira, e a obra vencedora do prêmio foi anunciada [no concerto da noite de sábado](#). Eu acho que ficou mais adequado da maneira como foi feito agora: a OSP encerrou a programação da Bienal no domingo de manhã. Foram tocadas três obras finalistas na primeira parte do concerto – o público, o júri e a orquestra votaram. Depois do intervalo a peça de Almeida Prado possibilitou que a comissão organizadora computasse os votos, e a decisão do prêmio foi anunciada ao final do concerto.

Além dessa melhora na organização da programação, dando mais peso à OSP, como deveria mesmo ser, pois é o corpo orquestral oficial da cidade e do estado, pudemos notar um amadurecimento musical do concurso. O nível geral das obras finalistas foi melhor que o de 2011. E a qualidade da execução da OSP também amadureceu muito. Quase que dá para dizer que a OSP está mais tarimbada para executar obras esteticamente ousadas, e está chegando a resultados mais convincentes.

Os finalistas eram Valéria Bonafé (1984), com a obra *A menina que virou chuva*, Leonardo Martinelli (1978), com *O diálogo entre Vênus, Azael e Ogum* e Igor Maia (1988), com *De profundis*. Os três compositores são atuantes em São Paulo, o que mostrou também uma certa nacionalização do concurso, uma vez que a edição anterior teve

vários finalistas radicados no Paraná.

As três obras eram muito parecidas em técnica e estilo, mantendo um *continuum* sonoro sustentado quase sempre pelas cordas, e pontuado por eventos principalmente nos sopros e na percussão. As peças eram muito maduras em termos de técnica da escrita, e também de orquestração, o que impressiona bastante quando a gente olha a idade dos finalistas. Leonardo Martinelli, o mais velho dos compositores selecionados pelo júri (que analisou as partituras sem indicação de autor), está pelos 35 anos de idade, e já tinha chamado a atenção do público da Bienal por sua bela obra apresentada no concerto de segunda-feira, realizado pelo Platypus Ensemble.

O meu voto foi para a obra do Martinelli, não que eu fosse capaz de notar qualquer desnível de qualidade técnica nas obras, o que tornava o voto muito difícil, mas pela pura simpatia que a obra me provocou. Uma deusa grega (Vênus, representada pelo clarinete), um anjo do apocalipse (Azael, representado pelo trompete) e uma divindade africana (Ogum, representado pela percussão) dialogavam com intervenções realizadas por músicos posicionados da galeria do Teatro Guaíra, o que provocou ótimo efeito. A obra de Igor também se destacou pela variedade de usos da percussão (principalmente a técnica de “raspar” o tan-tan com a madeira da baqueta), e pelas ótimas intervenções da harpa e do piano, muitas vezes em perfeita sincronia evocando um belo efeito uníssono sobre a “cama” tecida pelas cordas.

A decisão era mesmo dura, e ao final seria anunciado o ganhador do prêmio. A comissão anunciou que não houve decisão unânime do júri, sendo o voto da orquestra e do público o que desempatou em favor da obra *De profundis*, de Igor Maia.

Para finalizar o concerto, a incrível *Oré-Jacytatá*, nº 8 da série *Cartas Celestes*, para violino e orquestra, de Almeida Prado. O compositor de Campinas resolveu acrescentar uma nova obra à série que tinha sido concluída em 1983 marcando a parte mais notável de sua produção. Desta vez, a retomada da série se dava em comemoração aos 500 anos do descobrimento do Brasil.

A obra é muito impactante, de grande força artística. Para ficar nas execuções que vi em anos recentes com a OSP, eu colocaria a peça de Almeida Prado ao lado da [Sinfonia Fantástica de Berlioz](#), ou do [Concerto para violino](#) de Tchaikovski, ou da [Segunda Sinfonia de Mahler](#), ou da [Sagração da Primavera de Stravinski](#), ou ainda do [Canticum naturale de Edino Krieger](#). Todas obras de grande força, que causam aquele impacto no ouvinte, que imediatamente se identifica diante de eventos marcantes da força criadora da humanidade, que dão a certeza de estar frente a clássicos perenes. No concerto de hoje isso ficou evidente quando a reação espontânea imediata do público foi de aplaudir de pé ao final da obra.

Aplaudíamos muita coisa: a incrível execução da OSP, o brilhante solo de Alessandro Borgomanero ao violino, o ótimo trabalho de ensaio direcionado por Márcio Steuernagel – e sua regência precisa. Aplaudíamos também o conjunto da programação da manhã – pois é muito difícil que um concerto só com obras recentes possa ser tão agradável ao público. Ao mesmo tempo é muito difícil imaginar qualquer lugar do mundo em que um concerto só com obras novas – e difíceis, seja assim tão bem tocado com tão poucos ensaios. O que faz a gente sair de peito estufado de orgulho da orquestra que gente tem em Curitiba.

E também, claro, estávamos aplaudindo toda a equipe que organizou a II Bienal. Um evento como esse vem surpreendendo a todos – a gente estava acostumado a viver numa cidade tão conservadora e tão sem importância no mundo musical que vai demorar pra cair a ficha que as Bienais Música Hoje estão transformando Curitiba num importante centro de realização de música nova, que estamos entrando no mapa da melhor maneira que se poderia imaginar.

Compartilhe:



Like 62 2 Share 1

Assuntos : [compositores](#), [concertos](#), [II Bienal Música Hoje](#), [maestros](#), [música contemporânea](#), [música sinfônica](#), [Orquestra Sinfônica do Paraná](#)

Arquivado em : [Crítica de concertos](#) | [Link de Trackback](#) | [RSS de comentários](#)

Um comentário to “Márcio Steuernagel e a Sinfônica do Paraná: Valeria Bonafé, Leonardo Martinelli, Igor Maia e Almeida Prado”

1. Thomas

escrito em [26/08/2013 às 13:49](#)



Gostei da crítica, mas não faltou comentar a outra peça, da Valéria Bonafé?

© André Egg